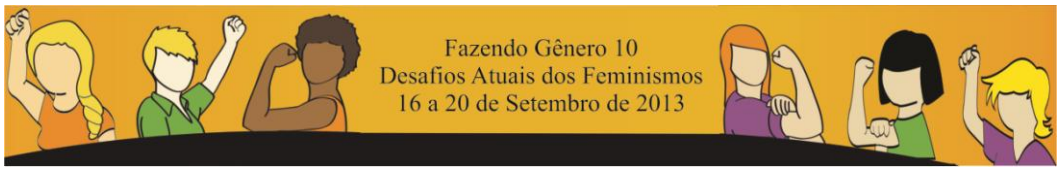


AS MULHERES E O "CARRINHO": GÊNERO E CORPORALIDADE ENTRE AS SKATISTAS

Giancarlo Marques Carraro Machado [1]

Resumo: Um dos esportes que mais adquiriu visibilidade nos últimos tempos é o skate. Mas quando nos referimos a essa prática, logo a associamos, sobretudo, ao universo masculino. Por meio da mídia especializada em skate – ou em "carrinho", como também é chamado –, tal como analisada por Figueira & Goellner (2009), nota-se como as mulheres ainda possuem pouca visibilidade no universo desta prática esportiva, onde as relações de poder estão expressas a todo o momento. Este trabalho tem como proposta fazer uma discussão a respeito da prática do skate feminino na cidade de São Paulo a partir de uma etnografia realizada em um campeonato. Deste modo, por meio da observação participante, analisou-se como as skatistas criam performances ao mesmo tempo em que se posicionam, compartilham experiências e estabelecem formas de sociabilidade em um ambiente historicamente relacionado às práticas masculinas, nos quais as mulheres, ao invés de praticantes e competidoras, eram vistas como meras espectadoras da competição. Através de uma análise de gênero, atenta-se para as várias formas de ser skatista, de produzir uma identidade e corpos marcados por gênero.
Palavras-chave: Skate. Corporalidade. Gênero.

As mulheres e o "carrinho" [2]

O skate pode ser considerado uma das práticas esportivas que mais adquiriu visibilidade nos últimos tempos. Mas para chegar ao patamar em que se encontra, uma série de mudanças teve que ser realizada, com ressignificações dessa prática. Até meados da década de 50 do século passado, o skate não passava de uma mera brincadeira [3], um entretenimento em que não havia tantos objetivos, como os de realizar manobras, vencer obstáculos, disputar competições ou muito menos de viver profissionalmente do mesmo. Nessa época, a fabricação do objeto o qual entendemos atualmente como "skate" era totalmente improvisada. Na maioria das vezes era feito por meio de rodas de patins soltas e anexadas a uma tábua reta de qualquer madeira. Sendo assim, não havia demasiada preocupação quanto ao seu formato, durabilidade ou estabilidade.

---

[1] Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. José Guilherme C. Magnani. Bolsista FAPESP. Membro do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS/USP).

[2] "Carrinho" é um dos termos usados pelos skatistas para designar o skate.

[3] O skate, de acordo com o documentário "Dogtown and Z-Boys: onde tudo começou", lançado em 2001, em seu começo foi associado a uma brincadeira da moda, tal como o ioiô ou o bambolê.

Somente a partir de 1960 que esse brinquedo improvisado adquiriu novos significados. Com a irregularidade das ondas em praias californianas, vários surfistas norte-americanos apropriaram-se das tábuas com rodinhas e deram um outro sentido ao seu uso: após alterarem seus formatos, ficando semelhantes a uma pequena prancha, elas se tornaram uma espécie de surfe sobre rodas. Através das mesmas os surfistas podiam, de certo modo, surfar a qualquer momento e em muitos lugares, transpondo alguns dos movimentos antes feitos dentro d'água para diversos equipamentos urbanos. Por conta dessa proximidade com o universo do surfe, a prática do skate inicialmente foi chamada de *sidewalk surfing*, expressão que pode ser traduzida como "surfe de calçada" [4].

A partir do novo sentido atribuído à prática, o skate, que antes era feito de forma improvisada, passou a ser fabricado e vendido em larga escala. Foi um verdadeiro *boom* a sua utilização, que atraía cada vez mais a atenção de jovens que estavam à procura de uma atividade inovadora. Embora tenha passado por momentos de maior ou menor visibilidade ao longo do tempo [5], o skate teve seu universo construído com códigos, símbolos e experiências próprias. Em virtude disso, paulatinamente consolidou-se a atuação de muitos agentes ligados à prática, os quais passaram a investir e atuar na mídia especializada, na organização de eventos, na criação de confederações, na fabricação de produtos, etc. Com efeito, aos poucos foram delineadas distintas funções em meio à dinâmica responsável por transformar aquilo que antes era apenas uma brincadeira em um esporte [6].

Mas quando se fala em skate logo o associamos, sobretudo, ao universo masculino. *E as mulheres, como elas praticam e participam deste esporte?* De acordo com uma pesquisa realizada pelo instituto Datafolha, divulgada em março de 2010 [7], estima-se que exista aproximadamente 3.860.000 praticantes do skate no Brasil. Deste contingente, 10% é do sexo feminino. O skate, concomitante a outros esportes, é visto pelo senso comum como sendo perigoso, por envolver riscos físicos (como constantes lesões) e também, por exigir demasiado esforço e resistência, características que comumente não são associadas às mulheres. No contexto histórico em que está fundamentado, a masculinidade sempre foi tida como referência, com os homens representados na

[4] Brandão (2009), ao analisar a história da prática do skate a partir do documentário "Dogtown and Z-Boys: onde tudo começou" (2001), revela que "a fruição entre o surfe e o skate ou a apropriação dos movimentos do surfe na arte de andar de skate trouxe mudanças significativas para esta atividade. (...) De acordo com o vídeo-documentário analisado, foi justamente no quesito 'estilo' que o surfe revolucionou o skate, e é por terem sido surfistas antes de terem sido skatistas que os '*Z-Boys*' conferem a eles próprios o título de '*revolucionários*' do skate. (...) Foi a conjugação de dois fatores que provocou o aumento no número de skatistas: a tecnologia (caracterizada principalmente pela introdução do poliuretano às rodas do skate) e a apropriação dos movimentos do surfe em sua prática" (Brandão, 2009, p. 6).

[5] Não é meu objetivo fazer uma análise histórica do skate. Para uma discussão mais detalhada, vide Brandão (2009).

[6] Sobre alguns aspectos do processo de esportivização do skate no Brasil, ver Brandão (2008).

[7] Para mais informações, vide Revista Cemporcentoskate, edição 146, 2010, p.44-47.

condição de sujeitos. Isto pode ser comprovado por meio das representações e dos discursos que foram e estão sendo construídos desigualmente. As revistas especializadas em skate são bons exemplos [8]. No Brasil, dentre as centenas de edições publicadas ao longo dos anos pelos diferentes títulos, em apenas poucas ocasiões as mulheres apareceram na capa sendo que, em algumas delas, o que era valorizado não era a habilidade com o skate, mas a sensualidade e os atributos físicos. Nas principais revistas em circulação no país [9], cada uma reserva apenas pequenos espaços ao skate feminino [10]. Fora dos mesmos, dificilmente há fotos de mulheres em ação.

As relações de poder sempre estiveram expressas na prática do skate. Nas pistas de skate, por exemplo, os obstáculos centrais são ocupados pelos homens, ao passo que as mulheres geralmente ficam às suas margens [11]. Em campeonatos, na maioria dos casos, a premiação é desigual, onde os prêmios destinados às mulheres são bem inferiores àqueles recebidos pelos homens. Foucault (2009, p.103), sobre a onipresença do poder, salienta que isto ocorre não porque ele tenha o privilégio de agrupar tudo "sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro. O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares". Contudo, o poder não é "uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (Idem; ibidem).

Por mais que muitas acreditem ocupar uma posição de menor destaque no *campo esportivo* (Bourdieu, 1983)[12] do skate, as mulheres não assistem passivamente a esta produção discursiva que as colocam como sendo inferiores e menos capacitadas. Com efeito, a mobilização feita pelo skate feminino em todo mundo tem surtido efeitos concretos. Um exemplo marcante foi o anúncio da organização dos X Games – um dos maiores e mais importantes eventos do mundo –, que revelou que a partir de 2008 a premiação distribuída tanto para os homens quanto para as mulheres seria a

---

[8] Entretanto, por mais que não tivessem visibilidade e pouco espaço na mídia, as mulheres sempre andaram de skate. Em 1965, a revista norte-americana Life Magazine, estampou em sua capa a foto da skatista Patti McGee, considerada a primeira mulher profissional de skate. Ela ainda teve aparições na importante revista Skateboarder, mostrando toda a sua técnica, sendo vista como uma exceção neste universo. Mas isto é um caso a parte e não conferem igualdade as mulheres na história do skate, visto que é apenas um exemplo dentre vários.

[9] Figueira e Goellner (2009, p.13), ao analisarem as revistas de skate concluem que as publicações, "em diferentes tempos e espaços evidenciam o quanto o *skate* no Brasil, é atravessado por relações de poder, promovendo espaços, vivências, oportunidades e sociabilidades distintas para homens e mulheres sendo que para elas, diferente do que para eles, esse parece ser ainda um esporte em construção".

[10] Destaco ainda dois importantes artigos relacionados ao skate feminino, a saber: "Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção" (Figueira e Goellner, 2009); e "Gênero e práticas corporais no site *skate para meninas*" (Figueira, 2007).

[11] Estes apontamentos foram feitos com base em observações e conversas com as skatistas durante o trabalho de campo.

[12] Para Bourdieu (1983), no *campo esportivo* existe um sistema, de instituições e agentes ligados ao esporte, que funciona como um campo, que pode ser dotado de lutas e do investimento de competência específicas.

mesma. Além disso, aos poucos surgem publicações, vídeos, eventos e produtos voltados para as skatistas.

A partir destes fatos fui levado a fazer uma série de questionamentos: *como as skatistas se vêem, como são reconhecidas e como se apresentam em um campo esportivo onde a masculinidade é tida como referência?* Ao etnografar o Circuito Sampa Skate (evento realizado na cidade de São Paulo) percebi que havia uma considerável presença de garotas que praticavam o skate. Dentre as várias categorias disputadas nas competições, havia uma denominada de "Feminino". Em busca de possíveis respostas para as indagações que surgiram ao longo do trabalho de campo, passei a observar como que as skatistas participantes deste circuito se posicionavam, compartilhavam experiências e estabeleciam formas de sociabilidade em um ambiente historicamente relacionado às práticas masculinas, no qual as mulheres, ao invés de praticantes, eram vistas somente como meras espectadoras de tudo o que acontecia na competição.

Gênero e corporalidade entre as skatistas

O Circuito Sampa Skate consiste em uma série de sucessivos campeonatos, promovidos desde o ano de 2005, por meio de uma parceria entre a Skate Contest (promotora de eventos) e a Secretária de Esportes do Município de São Paulo. Alguns pontos importantes deste circuito são: acessibilidade, mobilidade e diversidade. Cada etapa acontece em uma localidade diferente da cidade de São Paulo e as inscrições para os participantes são gratuitas e feitas no local. Para torná-lo ainda mais atrativo, o circuito conta com a participação de várias categorias, dentre elas, a feminina, que pode se dividir, de acordo com o nível técnico das competidoras, em "Feminino I" e "Feminino II".

Ao participar da 3° Etapa do Circuito Sampa Skate [13], realizada no Clube Regatas Tietê (Zona Norte de São Paulo), deparei-me com um vasto número de skatistas, em sua maioria homens. De início senti falta das skatistas, e cheguei a cogitar a possibilidade de não haver a presença de nenhuma competidora. Mas não demorou muito para que elas aparecessem.

Em meio a um pequeno grupo de skatistas, todos eles adolescentes, estava Mônica, a única mulher. As roupas que ela usava pareciam com as dos garotos: camisa pólo bem larga, calça jeans não tão justa, tênis e boné. Segurando um skate com peças um pouco velhas, Mônica, a todo o momento, tentava deixar nítida a influência que sofria por parte dos amigos. Ela era a primeira colocada no *ranking* da competição até aquele momento, e estava confiante de que venceria o

[13] Campeonato realizado durante os dias 30 e 31 de maio de 2009.

circuito. Fernanda, por sua vez, transitava ora por grupos formados por homens, que eram aqueles seus amigos que moravam perto de sua casa, ora por grupos formados por mulheres, que ela conhecia de outros campeonatos. Fernanda fazia questão de ressaltar a sua vaidade, mesmo na hora de praticar o skate. Já Jennifer e Mariana eram amigas bem próximas e sempre andavam de skate juntas. Pelo que observei, na maioria do tempo elas ficavam mais entre as garotas do que entre os garotos. Entre todas elas, uma coisa em comum: a paixão pelo skate. Mas a forma como cada uma o pratica e exerce seu papel neste cenário é bem distinta [14].

Durante as conversas com estas skatistas, realizadas em momentos distintos, procurei estabelecer aproximações e distanciamentos entre seus relatos. Um ponto convergente é a forma como elas começaram a praticar o skate onde, em cada caso, os homens tiveram alguma participação:

> Meu irmão ganhou um skate de Natal, e eu ganhei patins. Aí eu queria um skate. O meu irmão me disse para começar a andar de skate. Ele montou um skate com os amigos dele, e falou para dropar [15]. Eu fui e dropei, gostei e continuei andando. Aí hoje ele trabalha e não pode mais andar (Mônica).

> Quando eu tinha uns doze anos, meu irmão andava de skate. Eu gostava de skate, de futebol e tal. E eu queria andar de skate com ele. Nessa época eu não tinha muito apoio do meu pai e da minha mãe. Quando eu fiz uns 16 anos, quando eu já podia sair, eu comecei a andar com os amigos (Fernanda).

Nas falas destas garotas nota-se a forma como as suas próprias famílias construíram discursos a respeito de quais práticas esportivas elas deveriam fazer. No primeiro caso, a mãe de Mônica realizou uma distinção e classificou os esportes por meio de gênero: enquanto o homem está associado ao skate, a mulher está associada aos patins. Já no segundo caso, que é um pouco parecido com o anterior, Fernanda relatou a falta de apoio dos pais no momento em que passou a praticar o skate. Mas percebe-se que tanto para o irmão de Mônica quanto para o irmão de Fernanda, não havia tantos problemas em ser skatista.

Após a entrada neste universo, mediante a ampliação da rede de relações, com a vivência de novas experiências e com a apreensão de novos códigos, as mulheres descobrem que o skate, ao contrário do que elas sempre ouviam, não é um esporte somente para homens. Segundo Jennifer:

> Eu comecei a andar de skate porque eu gostava de um menino que andava. No primeiro campeonato em que fui, comecei a ver as meninas andando de skate, comecei a ver o que é

[14] Para Goffman (2005, p.24), um papel social pode ser definido como "a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social". Com isto, "podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas".

[15] Dropar, de acordo com os skatistas significa, em síntese, descer de alguma rampa.

> o skate de verdade, como não era uma bagunça. Eu fui levar a sério o skate. Engraçado, agora eu ando de skate e ele não anda mais. Eu ando porque eu gosto, porque eu quero.

O começo nesta trajetória enquanto skatista não é nada fácil, a começar pela própria família que não vê com bons olhos uma mulher inserida neste tipo de esporte. Os pais apenas reproduzem certas convenções sociais de um mundo machista, e conseqüentemente visam orientar as condutas de suas filhas de tal modo que optem por atos que "preservem" a feminilidade:

> No começo eu sofria. Minha avó não aceitava, achava que envolvia muita besteira. Depois de um tempo, fui levando ela nos campeonatos, fui começando a me dar bem. Ela começou a ver que é não só bagunça, que tem um lado bom. Hoje para mim é tranquilo. Eu saio para campeonatos, viajo, etc. (Jennifer).

As skatistas buscam estratégias para desmistificar, perante a família, a imagem de que praticam um esporte de "macho", e para isto tentam construir um discurso de que o skate é uma prática para qualquer um e como qualquer outra. Em muitos casos a família só passa a aceitar (ou pelo menos a diminuir o preconceito) após alguns resultados práticos da skatista como, por exemplo, quando ela consegue boas colocações em campeonatos; quando aparece em meios de comunicação; quando consegue um patrocínio; etc., pois isto indica uma possibilidade dela vir a construir uma carreira promissora no esporte.

Mas não é só na família que as garotas sofrem preconceito. Dentro do próprio universo do skate há alguns skatistas que menosprezam ou zombam da presença feminina. No entanto, isto não é algo perceptível à primeira vista, pois caso se pergunte para qualquer um dos homens, a resposta será sempre em tom de aceitação. Em alguns contextos específicos as mulheres são intoleradas por alterarem aquilo que o skate masculino constrói:

> Alguns homens têm preconceito com as mulheres. Tem menino que acha que a gente atrapalha, porque a gente é medrosa na pista. Eles acham que a gente atravessa a pista (Mariana).

Suponho que a tolerância masculina efetiva-se mais quando as skatistas não estão praticando o esporte, isto é, quando não estão em ação, fazendo manobras no mesmo local em que eles, pois caso contrário, elas podem "atrapalhá-los". Atualmente, para tentar resolver a disputa pelos espaços – como nas pistas de skate –, na qual as skatistas saem sempre em desvantagens, alguns locais estabelecem horários fixos e distintos tanto para homens quanto para mulheres. O Circuito Sampa Skate, como é dividido em categorias, faz com que impere certa igualdade neste sentido, pois homens e mulheres possuem o mesmo tempo para andar na pista.

Contrariando a visão de Mariana, Mônica acredita que não há preconceito por parte dos homens, mas pelo contrário, eles sempre apoiam as garotas. Pelo fato de se relacionar a maior parte do tempo com os skatistas, ela revela que já rompeu algumas barreiras impostas e, em decorrência disso, compartilha dos mesmos espaços que eles sem nenhum problema:

> Onde eu ando não tem muita menina, eu sou a única praticante, e eu ando com os caras. Eles me respeitam muito, querem me ver evoluindo sempre mais, e tanto é que muita gente me ajuda.

Depois que começa a praticar o skate, cada garota se espelha em outros ou em outras skatistas para que possa aperfeiçoar as suas manobras. Esta influência resulta na forma em que o skate é praticado, seja nos gestos, nos movimentos e até mesmo na forma de se vestir e se relacionar:

> Na verdade, eu fico mais com os meninos. Eu me abro mais com os garotos, porque eu sempre me inspirei muito em menino. Nunca me inspirei muito em menina... Bem pouco nelas. Prefiro ficar mais com os garotos, porque eu tenho uma evolução, assim, é mais fácil de evoluir, ainda mais quando é amigo muito próximo. Mas eu sempre abro, uma hora falo com um, falo com outro (Mônica).

Mônica acredita que os skatistas são melhores tecnicamente, e que se ela quer evoluir a sua técnica enquanto praticante do skate é necessário estar com eles, prestando atenção em tudo aquilo que fazem. As skatistas que tive a oportunidade de conversar creditam aos homens características peculiares, muitas vezes vistas por elas como sendo naturais, que fazem com que eles pratiquem o skate com maior facilidade. Para Jennifer, "o homem evolui mais fácil. Eles têm uma facilidade maior com o skate, menos medo". Fernanda salienta ainda que:

> Tem a questão fisiológica, que o corpo do homem é mais forte, tem mais potência, tudo isto. E também, tem este fato social. Querendo ou não, o homem anda melhor do que a mulher. Então, o grupinho dos homens está muito mais evoluído que o grupinho das mulheres. Dentro das mulheres, eu acho que está evoluindo bastante.

Essas mulheres reproduzem discursos recorrentes, que veiculam e produzem poder (Foucault, 2009), associando o corpo masculino a força e a agilidade, como sendo mais apto a realizar alguns tipos de esforços. Para elas o nível técnico é consequência desses fatores, e por isso as manobras feitas pelas mulheres não são tão boas quanto à dos homens. Nesse sentido, o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido "como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero" (Butler, 2003, p.200). Mônica encara a suposta inferioridade técnica feminina como um reflexo do medo que as mulheres possuem em praticar o skate, de não se arriscarem com receio de se machucar. Ela se considera um exemplo à parte, como

"uma criança, sem medo. Penso em evoluir. Se eu andar com confiança, eu sei que não vou me machucar". E ainda, sugere que:

> Para menina andar bem, eu indicaria um esporte que vai dar força a ela. Todo mundo fala que skate é jeito. Para mim não é jeito. Meu skate é força. O meu tamanho, eu sou pequena, mas, até sou forte, porque faço outros esportes. Homem tem a vantagem de ter força. Menina também não tem jeito, não tem coordenação motora, aí complica.

No entanto, ela acredita que pode buscar uma "facilidade" no aprendizado, assim como os homens:

> Eu nunca achei uma dificuldade entre homem e mulher. Os dois são iguais. Eu me imagino assim, como o homem pode evoluir, eu também posso.
>
> Eu sempre vejo vídeos de skate. Mas, para aprender mesmo, eu vejo pessoas que são da minha base. Por exemplo, o "Xaparral": o jeito que ele movimenta o pé, eu tento movimentar igual, para mandar as manobras. Eu tento imitar as manobras do "Apelão" também [16].

Ao contrário de Mônica, que é influenciada por aquilo que os homens comumente fazem na prática do skate, Fernanda se espelha nas mulheres skatistas:

> Eu me espelho em meninas que evolui bastante. Às vezes eu não me comparo com menino pra andar de skate, pelo fato de eu ser menina, entendeu? Porque eu posso pensar isso e deixar de evoluir. Eu me espelho nas meninas.

Para Butler (2003, p.24), "por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo". Estas diferenças revelam as múltiplas corporalidades construídas entre as skatistas como, por exemplo, entre Mônica e Fernanda. Ao observá-las em ação, notei como que elas se portavam de formas distintas no exercício de uma prática esportiva.

Por outro lado, Jennifer e Mariana acusam às skatistas que possuem um nível técnico mais aperfeiçoado, e também estabelecem distinções até mesmo pelas manobras que são feitas, que podem ser classificadas como "manobras de homens" e "manobras de mulheres":

> Tem manobras que são mais fáceis, que as meninas mandam mais. Você sempre vê uma menina mandando *noseslide* [17] num palco. Quando você vê um menino, você estranha. Como eles têm um nível mais alto, é claro que eles têm que andar melhor (...). Eu acho que existem manobras mais de homem. Tem vezes que eu vejo um menino mandando alguma manobra, e eu falo assim: "*nossa, que manobra de menina*!". Quando você vê uma menina que anda muito, ela anda que nem moleque (Jennifer).
>
> Menina que anda muito tem mais manobras de meninos. Por exemplo, a Mônica, ela anda só com menino. Para mim, ela anda que nem eles, por isso ela tem este estilo meio molequinho (Mariana).

[16] "Xaparral" e "Apelão" são apelidos de alguns skatistas amigos de Mônica.
[17] Nome de uma manobra de skate.

Mariana acredita que Mônica possui o estilo de um skatista pelo fato dela andar de skate com e como eles, o que faz com que ela perca as características que são associadas às mulheres. Porém, Mônica justifica com as seguintes palavras: "andar de skate não faz com que eu perca meu lado feminino. Do mesmo jeito que uma menina joga bola, eu tenho direito de andar de skate. É esporte, é pra todo mundo". Assim, "a unidade de um sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo" (Butler, 2003, p.24).

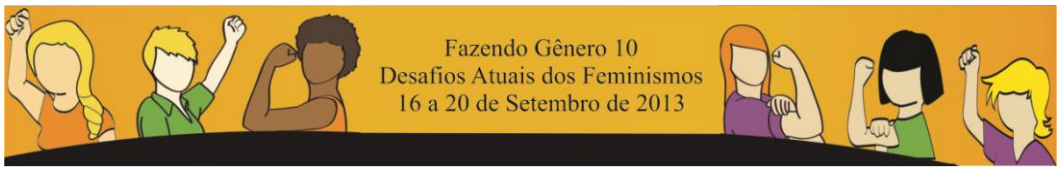
Para marcar a diferença em um universo tido como masculino, as mulheres, em dados momentos, procuram evidenciar aquilo que elas chamam de "lado vaidoso". Mariana foi enfática ao me dizer que se acha "mais vaidosa do que muita menina que não anda de skate". Já Jennifer, de uma forma geral, ressaltou que "todas as meninas andam bem arrumadinhas, fazem as unhas, passam batom". Durante a competição observei que elas tentavam chamar atenção para pequenos detalhes, como as peças do skate ou os equipamentos de proteção que usavam, sendo que muitos eram rosa, que no senso comum, é associada como sendo "cor de mulher". Para Goffman (2005, p.36-37), nestes tipos de situações, as quais ele denomina de *realizações dramáticas*:

> O indivíduo geralmente inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros. Pois se a atividade do indivíduo tem de tornar-se significativa para os outros, ele precisa mobilizá-la de modo tal que expresse, *durante a interação*, o que ele precisa transmitir.

Considerações finais

Ao longo deste *paper* procurei apresentar apenas breves discursos reproduzidos pelas skatistas em um ambiente (no caso, um campeonato) onde estão envolvidos tanto homens quanto mulheres. Percebe-se que elas sempre criam distinções, tanto intra quanto intergênero. Enquanto algumas valorizam aspectos como a vaidade ou evocam que são naturalmente mais frágeis (e por isto possuem um nível técnico inferior)[18], outras procuram construir uma corporalidade que acreditam estar pautada na força e na potência, e que para isso, não podem ter medo e nem ser frágeis. Sendo assim, "o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes" (Butler, 2003, p.18).

[18] Butler (2003, p.25) salienta que "o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual 'a natureza sexuada' ou um 'sexo natural' é produzido e estabelecido como 'pré-discursivo', anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura".



O corpo é produto de uma série de relações construídas, no qual são inscritos discursos, valores e performances. Por meio desta análise vejo que há varias formas de ser skatista e de produzir corpos marcados por gênero. Esta pluralidade de performances no skate feminino aponta para uma gama de feminilidades que são construídas nas relações de poder em que estão inseridas. Poder este, "que não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis" (Foucault, 2009, p.104).

Nos últimos tempos algumas mulheres, em busca de legitimidade no universo do skate, têm procurado participar de uma produção discursiva, seja através de revistas, por meio de vídeos, trabalhando em algumas marcas especializadas, etc. O avanço das mulheres neste meio constrói novas performances, novos discursos, que em muitos dos casos são também políticos. Elas reivindicam premiações iguais, mais espaços na mídia, e maior visibilidade. Diante tudo isso, podemos seguir a tarefa proposta por Butler (2003, p.22): formular, no interior das estruturas (como as jurídicas da linguagem e da política) que são constituídas, uma crítica às categorias de identidade que são engendradas, naturalizadas e imobilizadas. Ao procurar trazer a luz algumas considerações sobre o skate feminino, considero que o esforço não se esgota aqui, mas pelo contrário, é contínuo e passível de novas análises, devido à complexidade deste universo, no que concerne ao gênero e a corporalidade relacionadas às práticas esportivas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, Leonardo. "Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil". In: *Recorde*: *Revista de História do Esporte*, volume 01, n° 02, dezembro de 2008.

_____. "História e esporte: leituras do corpo no filme Dogtown and Z-Boys". *Revista História em Reflexão.* Dourados, UFGD, vol.03, n° 5, jan./jun. 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 - A vontade de saber*. [1977]. Rio de Janeiro, Graal, Rio de Janeiro, Graal, 2009, 19ª. Ed

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção". In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas. Vol.30, n.03, p.95-110. Maio de 2009.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. Gênero e práticas corporais no site Skate para Meninas. In: *Seminário Corpo, Gênero E Sexualidade*, 3., 2007, Porto Alegre. Discutindo práticas educativas. Porto Alegre: UFRGS e FURG, 2007.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. [1959]. Petrópolis, Vozes, 2005.

REVISTA CEMPORCENTOSKATE. *O skate cresce no Brasil*. Edição 146, maio de 2010, p.44-47.

Women and skateboard: gender and corporality among skateboarders

Abstract: One of the sports that has acquired more visibility in recent times is the skateboard. But this practice is associate mainly to the male universe. Through skateboard magazines, as analyzed by Figueira & Goellner (2009), note how women still have little visibility in this sports universe, where relations power are expressed at all times. This paper is proposed to a discussion of the practice of female skateboarding in São Paulo from an ethnography conducted in a championship. Thus, through participant observation, we analyzed how the skateboarders create performances while they position themselves, share experiences and establish forms of sociability in an environment historically related male practices, in which women, rather than competitors, were seen as spectators of the competition. Through an analysis of gender, attentive to the various ways of being skateboarder, to produce an identity and bodies marked by gender.
Keywords: Skateboarding. Corporality. Gender.